

Discurso científico e telenovela: uma análise de O Clone

Robson Souza dos Santos¹

Resumo

Entre 2001 e 2002, com a telenovela O Clone, transmitida pela Rede Globo de Televisão, o debate sobre clonagem ganhou espaços públicos, invadiu a vida dos cidadãos. Esta inserção, motivando discussões e posições frente à clonagem, demonstra que embora a telenovela seja um produto da cultura de massa, pode desencadear o debate público de temas importantes para o desenvolvimento social. A problemática deste estudo concentrou-se na análise de como a temática da clonagem foi trabalhada no enredo da telenovela escrita por Glória Perez. Foram verificados o encadeamento das partes constitutivas do enredo de O Clone (apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho); a caracterização dos personagens principais da trama envolvendo a temática da clonagem (Albieri, Diogo, Lucas, Léó); distinguidas as falas reais das falas fictícias frente ao tema da clonagem. A partir da caracterização desses personagens, suas falas e atuação, fez-se então a reflexão sobre as soluções narrativas adotadas por Glória Perez, verificando de que modo o discurso científico entrou na novela, onde ocorreu a junção entre a ficção científica e a divulgação da ciência.

Palavras-chave: telenovela, clonagem, ficção científica, divulgação da ciência.

Há mais de 40 anos a telenovela brasileira segue contando histórias do dia-a-dia da nação. Misturando as receitas de seus antepassados - o melodrama, o folhetim e a *soap opera* americana - ajuda a determinar padrões de comportamento, práticas culturais e de consumo, pautando as discussões diárias do cidadão brasileiro.

Utilizando uma linguagem e estrutura narrativa facilmente dominadas por seus espectadores, a telenovela constitui-se como o principal elemento da mediação cultural no Brasil. Muitas vezes determina a pauta, realiza o agendamento dos debates públicos no interior da sociedade brasileira. Justamente por esta característica, muitos autores da teledramaturgia têm investido cada vez mais no chamado *merchandising* social.

A telenovela O Clone foi um exemplo bastante característico dessa incursão. O Clone foi exibida pela Rede Globo de Televisão no período de 1º de outubro de 2001 a 15 de junho de 2002, no chamado horário nobre². Escrita por Glória Perez, abordou assuntos

¹ Jornalista, Mestre em Literatura. Professor da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e do Senai/Tijucas, Santa Catarina. souza@univali.br

² É considerado como horário nobre o período que compreende entre 18h e 23h. Entretanto, o auge se dá no período das 20h às 22h, quando se considera que boa parte das famílias brasileiras está em suas casas, em

polêmicos como o uso de drogas, a cultura islâmica e, seu foco principal, a clonagem humana.

O Clone conta a história de amor entre Jade e Lucas, que se conhecem no Marrocos. Ela, muçulmana e órfã, voltava à casa de seu tio Ali depois de ter crescido no Brasil. Ele, carioca e gêmeo de Diogo, estava lá de férias com o irmão, o pai Leônidas, a namorada deste e o cientista Albieri. Jade e Lucas se separam por causa de diferenças culturais. Cada um se casa em seu país e tem filhos. Enquanto isso, o geneticista Albieri clona Lucas, movido pela dor da morte acidental de Diogo, seu afilhado. O clone Léo cresce e o encontro acontece: Lucas diante de seu clone. Quem é quem?

A telenovela O Clone retratou a ciência como temática central. As complicações geradas pelos avanços científicos - o desenvolvimento de um clone humano - são o ponto de partida para muitas das discussões enfocadas. A ciência se desenvolve, fundamentalmente, no laboratório de Albieri (Juca de Oliveira), um geneticista conhecido internacionalmente por fabricar clones de animais. Detendo conhecimento suficiente para fazer o clone humano, um dos sonhos do cientista é tornar-se famoso graças a esse feito.

O conflito principal gerado pela ciência é a questão da identidade do clone humano quando este atinge a idade adulta. Cópia de Lucas (Murilo Benício), Léo (Murilo Benício) revive, vinte anos mais tarde, experiências semelhantes às vivenciadas por sua matriz. Esse encontro do passado com o presente causa transtornos a várias personagens, principalmente para Jade (Giovanna Antonelle), que enxerga em Léo o Lucas que ela gostaria de ter de volta, mas que havia se modificado profundamente com o tempo.

Glória Perez adentra a um terreno pouco explorado nas telenovelas: o da ficção científica. Em O Clone, ficção científica e discurso científico (ou divulgação da ciência) se misturam, se confundem e constroem o enredo de uma telenovela que levou para a discussão em sociedade uma das temáticas mais controversas e geradoras de inquietude no universo da Ciência - a clonagem de seres humanos. Com O Clone, o debate sobre clonagem deixou a academia e ganhou os espaços públicos, invadiu a vida do cidadão comum, demonstrando que embora a telenovela seja um produto da cultura de massa pode desencadear o debate de temas importantes para o desenvolvimento social.

contato mais eminente com a televisão. É neste horário que são veiculados os telejornais e a chamada novela das oito.

Diante do exposto, surgiu a indagação de por que O Clone conseguiu promover o debate público que o jornalismo científico não conseguiu realizar. Partindo desta problemática, a pesquisa aqui relatada teve como objetivo analisar como foi trabalhada a temática da clonagem no enredo de O Clone. A análise concentrou-se nos personagens Lucas, Diogo, Albieri e Léo e, indiretamente, Jade, Leônidas e Ali. A partir da caracterização desses personagens, suas falas e atuação, fez-se então a reflexão sobre as soluções narrativas adotadas por Glória Perez. O que se pretendeu foi verificar de que modo o discurso científico entrou na novela, onde ocorreu a junção entre a ficção científica e a divulgação da ciência.

Complicação e Desenvolvimento

Na fazenda de Leônidas, uma dupla de animais clonados caminha tranqüilamente, enquanto ouve-se a voz de Albieri:

- Os animais que hoje apresento a vocês são vidas fabricadas em laboratório, são clones, obtidos pelo método de divisão de embrião!

As imagens na verdade estão em um telão de um auditório lotado. Continua Albieri:

- São produtos de uma pesquisa pioneira que eu e minha equipe estamos desenvolvendo para as empresas de importação e exportação de alimentos Leônidas Ferraz.

- Esse rebanho demonstra o quanto já dominamos as técnicas de clonagem. Ainda temos um longo caminho pela frente, mas a partida foi dada: o gênio saiu da garrafa! Cabe a nós, cientistas, continuar desenvolvendo essas pesquisas, cuidando sempre de não cair na tentação de ultrapassar os limites impostos pela ética!

- Há muito tempo a ciência sabe o que é necessário para fazer o clone humano. E quando algo é tecnicamente viável não há porque não fazê-lo!

- Fui apenas o mais ousado entre meus pares...

A platéia aplaude Albieri de forma delirante. Em seu quarto de hotel no Marrocos, Albieri olha mais uma vez para a fotografia do animal e a coloca sobre a mesa. Então olha para o espelho e conversa com a imagem:

- Fazer o reflexo de Narciso sair das águas...a imagem sair do espelho e conviver comigo!,Essa minha imagem teria alma? Teria vida própria, ou seria eu dividido em dois corpos? Seria um milagre de Deus ou uma cilada da vaidade humana?

Essas falas compõem o primeiro capítulo de O Clone, deixando clara a temática que seria abordada na telenovela - a clonagem humana. Ficção ou divulgação científica? Glória Perez busca no gênero ficção científica algumas saídas para seu enredo, mas vai além, mistura o ficcional com o discurso científico, como se percebe nas falas de seu cientista.

A Ciência na ficção

Fruto das mudanças provocadas pela Revolução Industrial, a ficção científica (FC), considerada um gênero inferior da literatura, conquistou status a partir de grandes obras, principalmente de seus pais. Julio Verne e H.G Wells. Nascida em um período de incertezas e temores face ao desenvolvimento da técnica, a FC invadiu o espaço, trouxe seres de outros planetas ou mergulhou no interior de nosso próprio planeta, viajou no tempo, produziu seres humanos em série, recriou a vida. A partir daí, invadiu outras mídias e ocupa os mais variados espaços: livros, revistas, quadrinhos, cinema, televisão.

O fator decisivo para a popularidade da ficção científica foi o cinema. Em 1902, Georges Méliès levou para as telas o primeiro filme futurista, Viagem à Lua, e abriu as portas para aquele que viria a ser o gênero mais bem-sucedido de Hollywood. O sucesso no cinema levou também ao desenvolvimento do gênero na literatura, promovendo a proliferação de títulos, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. Além do cinema, a ficção científica ganhou a televisão, principalmente nos Estados Unidos, através das séries televisivas. Dois exemplos são os seriados espaciais da década de 60, Jornada nas Estrelas e Perdidos no Espaço, conhecidos hoje como dois dos maiores clássicos da FC mundial.

A característica principal das histórias de FC é a tensão permanente entre o conhecido e o desconhecido. As situações apresentadas estão sempre “além da imaginação”, nas quais os personagens e o próprio leitor precisam identificar, prever e controlar fenômenos incontrolláveis.³ É esta também a situação que enfrenta o cientista diante de um problema ou impasse em seu laboratório.

Todas têm a Ciência como inspiração, não racionalizações ou explicações científicas aplicadas nas histórias, mas a ciência como ponto de partida. Grande parte da ficção científica está voltada mais para a magia do que para a ciência: todo o aparato tecnológico não consegue disfarçar o caráter não-científico da maioria de suas visões.⁴

³ TAVARES, 1986, p. 17.

⁴ Idem, p. 8.

Diversas conquistas, descobertas e revoluções já foram (e continuam sendo) promovidas pela atuação dos cientistas. Muitos benefícios já foram propiciados pelo desenvolvimento da Ciência. Mas nem tudo é positivo. Se por um lado foram descobertas vacinas para doenças e construídas espaçonaves que levaram o homem à lua, por outro lado há a bomba atômica e outras atrocidades praticadas a partir do uso da ciência. Assim, nas histórias de ficção científica o cientista pode ser o vilão ou o herói, com a mesma intensidade. No limiar entre o já conhecido e as dúvidas ou barreiras a serem rompidas é que a FC busca suas inspirações. Por isso, embora não seja seu objetivo, a ficção científica acaba atuando, muitas vezes, como profeta.

O tema mais freqüente na ficção científica é o contato com ‘o outro’, que pode ser uma comunidade extraterrestre ou o próprio homem no futuro. Um dos temas mais comuns é a figura do duplo ou como classifica Tavares, o tema do Outro Eu, ou a justaposição do conhecido (o Eu) e do estranho (o Outro).⁵ A vida artificial é outro tema recorrente nas histórias de ficção científica. A primeira obra considerada oficialmente como FC trata, justamente, desta temática. Frankenstein, de Mary Shelley (1998) é a primeira criatura gerada artificialmente na ficção científica.

No Brasil, poucos autores têm se aventurado nos domínios da ficção científica. Os autores brasileiros costumam inclinar-se mais para a fantasia e para o realismo-mágico do que para as especulações científicas. Nas telenovelas, este gênero pouco tem aparecido ao longo de sua história. As telenovelas costumam aventurar-se mais pelos domínios do fantástico. Não é raro aparecerem entidades sobrenaturais como anjos além de outras criaturas como vampiros, lobisomens, feiticeiros entre outros eventos inexplicáveis.

No campo da FC, as incursões têm sido mais modestas, embora tenhamos exemplos antigos. Em 1968, a novela Redenção promovia o primeiro transplante de coração na ficção televisiva. A telenovela realizou com sucesso o que ainda não se conseguia fazer na realidade da prática médica brasileira, embora já se vislumbrasse essa possibilidade. Redenção antecipava a concretização de uma experiência que viria a tornar-se procedimento de rotina. Como se vê, a ficção científica está bem próxima, nas telenovelas brasileiras, da divulgação da ciência, ficando difícil estabelecer seus limites. A própria Glória Perez já havia trabalhado com divulgação da ciência em outra telenovela.

⁵ TAVARES, 1986, p. 13.

Em Barriga de Aluguel a autora levava aos lares brasileiros a discussão sobre inseminação artificial. O mais comum é a mistura entre o que já é possível de se produzir cientificamente e o que está em vias de ser possível. Esta é a temática de O Clone. Este é o modelo seguido por Glória Perez: a inspiração na ciência (como nos clássicos de FC) e a inserção do discurso e da discussão científica.

Clímax

- (Albieri) Meninos! Do alto dessas pirâmides quatro mil anos vos contemplam! E pensar que daqui a mais quatro mil anos elas vão estar aí! E quem sabe a gente também não esteja?

- (Diogo) Pode ser mesmo que um dia ninguém morra mais, não pode Albieri?

- (Albieri) Mesmo que morra; se a gente fizer um clone, uma cópia da gente, já pensaram? Cada vez que eu for ficando velho faço uma cópia novinha de mim... é um jeito de ficar eterno, de vencer o tempo, a morte! Os egípcios antigos tentaram vencer o tempo com as múmias... A tentativa do século 21 vai ser o clone!

- (Albieri olhando no espelho) Há muito tempo, a ciência sabe o que é necessário para fazer o clone humano. E quando algo é tecnicamente viável não há por que não fazê-lo. Eu fui apenas o mais ousado entre meus pares. Fazer o reflexo de Narciso sair das águas. A imagem sair do espelho e conviver comigo. Essa minha imagem teria alma? Teria vida própria ou seria eu dividido em dois corpos? Seria um milagre de Deus ou uma cilada da vaidade humana?

Estas falas de Albieri estão nos dois primeiros capítulos de O Clone. Ainda na primeira semana da telenovela, a população brasileira seria testemunha da realização da clonagem humana . na ficção. Com a morte acidental do afilhado Diogo, Albieri utiliza uma célula do irmão gêmeo do morto (Lucas) para devolvê-lo à vida. O grande tormento de Albieri, suas dúvidas, conflitos éticos e morais são divididos, exclusivamente, com os telespectadores. Dentro da trama, as experiências de Albieri não têm testemunhas, colaboradores ou cúmplices. Quando Albieri se dá conta do que fez, já não pode mais impedir as conseqüências. Resta-lhe acompanhar o desenvolvimento de sua criatura, durante a gestação, na infância, até a vida adulta. O conflito do cientista se torna uma obsessão. Albieri se transforma na sombra do clone, escondendo a verdade de todos e estabelecendo um vínculo de cumplicidade cada vez mais forte com os telespectadores.

Somente nos últimos meses da narrativa o feito seria revelado às demais personagens da trama, alcançando assim o clímax, o ponto máximo da narrativa, quando Léo descobre ser uma cópia de Lucas e o encontro entre os dois acontece. Apesar de caracterizar-se como ficção científica, a forma como Glória Perez tratou a clonagem em seu

enredo tem a ciência como sustentação e não apenas como inspiração. Por diversas vezes ficção e realidade se misturaram, sobretudo a partir do momento em que a clonagem foi revelada.

O narrador Albieri

Gloria Perez caracteriza seu cientista como costuma ocorrer nas produções de ficção científica: o estereótipo do cientista solitário⁵, desligado do mundo, que vive para suas experiências. Esquisito, um ar de maluco, não se relaciona muito com as pessoas à sua volta. Albieri passa longas noites em seu laboratório ou em sua casa pensando em seus experimentos, antes e depois de realizar a clonagem. Esta personagem repete os estereótipos das produções de FC, onde o cientista pode aparecer como herói ou vilão, com a mesma intensidade, sendo que suas atitudes podem representar grande risco para a humanidade. É na solidão de seu laboratório, na clínica que coordena, que numa madrugada, Albieri realiza a clonagem humana, substituindo o núcleo do óvulo de Deusa (Bia Lessa) pelo núcleo da célula de Lucas. Na manhã seguinte, os médicos da clínica realizam a inseminação artificial em Deusa, sem que esta saiba que será, na verdade a “barriga de aluguel” do clone criado por Albieri.

Esta ação constitui o eixo central de todo o enredo. As únicas testemunhas de Albieri são os espectadores que acompanham a telenovela. Ele atua, assim, em diversos momentos da trama como o narrador da história. Sua caracterização transita sempre entre a figura do cientista maluco, perdido em seus devaneios, alienado da realidade, escravo de seus conhecimentos e de seus erros científicos. Esta caracterização é semelhante à apontada por Foucault (2001) no estudo das narrativas de Julio Verne, na forma como os cientistas de suas histórias são caracterizados. Entre as principais características (as quais também podemos entrever em Albieri) Foucault destaca:

1. O cientista está sempre à margem da história: não é ele o herói, embora ele seja o personagem central da história, as aventuras não se passam com ele.

2. É um puro intermediário, ele mede, multiplica, divide, ou seja, faz todas as considerações científicas, não separa isso de sua vida pessoal, é como se vivesse em um outro espaço.

3. Está sempre colocado no lugar da falta. Ou encarna o mal ou o permite sem desejar provocá-lo; quando é simpático, próximo de ser um herói positivo, é no próprio

exercício da ciência que surgem suas dificuldades. O cientista é aquele a quem falta alguma coisa.

A caracterização de Albieri, sua atuação, as conseqüências de seus atos, pode ser comparada com o Dr. Victor Frankenstein. Assim como no romance de Shelley, a criatura de Albieri também se revolta contra seu criador, especialmente quando este descobre a verdade. Uma das cenas que destaca este aspecto é a de Léo buscando informações sobre a ovelha Dolly numa banca de jornal. O desespero de Léo com a possibilidade de envelhecimento precoce que afetava o único ser do mundo que havia sido gerado da mesma forma que ele cria um forte interesse pelas conseqüências da experiência científica perante a sociedade. O limiar entre real e ficção torna-se ainda mais tênue, destacando que, como solução narrativa, Glória Perez vai além da ficção científica e mergulha efetivamente no discurso da ciência.

Quanto o grande feito realizado por Albieri ameaça vir à tona, sua covardia se revela, o temor pelas conseqüências de seus atos o assola com a mesma intensidade que o desejo de ser famoso, admirado, reconhecido por seu feito. Glória Perez busca, mais uma vez, no real o argumento para que as ações de Albieri sejam avaliadas ou analisadas pela população. No início do sétimo mês de exibição da telenovela no Brasil (abril de 2002), os jornais de todo o mundo publicaram a notícia de que uma paciente do médico italiano Severino Antinori poderia estar grávida do primeiro clone humano do mundo. Esta notícia foi assimilada à trama e, muitas vezes, em seu laboratório ou nos devaneios em sua casa, Albieri se via nas manchetes dos jornais contestando Antinori e afirmando que ele havia realizado a primeira clonagem humana, já que sua criatura já estava com 20 anos e a do médico italiano ainda nem havia nascido. A personagem Albieri dialoga com o cientista real. Ficção científica e divulgação da ciência se misturam mais uma vez. Não por acaso, neste período O Clone atingia o auge de popularidade, registrando média de 54 pontos no Ibope, com pico de 62.

A verossimilhança ou: o discurso científico na ficção

Para compor a trama científica no enredo de O Clone, Glória Perez utilizou como fonte reportagens sobre genética e clonagem publicadas nos jornais e revistas nacionais e internacionais, além de recorrer à consultoria de dois geneticistas e uma médica, medidas

que revelam a preocupação com a verossimilhança. Esta busca no real foi usada como saída narrativa. já que muitas vezes o noticiário científico entrou no enredo de O Clone.

A presença do cientista “real” Severino Antinori é um dos principais exemplos do limiar tênue entre ficção e realidade em O Clone. Quando este anuncia o projeto do clone humano, a notícia é assimilada pela telenovela, sendo alvo de discussão entre os cientistas da ficção, como se vê no diálogo a seguir, em que Albieri é apresentado ao geneticista Simonetti (Luiz Carlos Arutin) pelo presidente do conselho de ética, Dr. Vilela (Sérgio Mamberti):

(Vilela): Eu queria apresentá-lo ao Dr. Simonetti. Dr. Simonetti é extraordinário, um opositor ferrenho do Antinori.

(Dr. Simonetti): É claro, não se pode clonar um ser humano. Não dá pra aplicar essa tecnologia em seres humanos. Isso é bravata, mentira. Essa gente quer aparecer a todo custo e sai por aí vendendo enganos.

(Vilela): Essa também sempre foi a minha posição. É o que eu sempre digo a esses geneticistas que aparecem por aqui dizendo que vão fazer o clone, que já fizeram...

(Membro do conselho): O que é que não se faz por quinze minutos de sucesso...

(Simonetti): Pois eu desafio a qualquer um a me mostrar um resultado como esse. Não há hipótese nenhuma, senhores, uma experiência como essa não pode dar bons resultados.

(Vilela): Eu acho que nós todos aqui concordamos plenamente com o doutor Simonetti. Aliás, eu gostaria de me desculpar, Albieri, mas eu já cedi o horário da sua palestra ao nosso querido dr Simonetti. Eu tenho certeza que você vai compreender que, afinal de contas o Dr. Simonetti tem muito a nos dizer sobre o tema clonagem humana, hoje em dia é o centro das nossas discussões mundialmente.

(Albieri): É, eu estou vendo, realmente ele tem muito a dizer... (Albieri sai.).

Esta cena é marcada pela menção a fatos reais que foram divulgados nos meios de comunicação, pressupondo que o telespectador já os conhece e consegue identificar. Ficção científica e jornalismo científico se confundem. Quando Antinori fez seu pronunciamento, muitas notícias enfocaram a incredulidade da comunidade científica em todo o mundo quanto à suposta realização da clonagem. Esta atitude foi incorporada na telenovela, como se viu no diálogo acima. Simonetti afirma ser impossível aplicar as técnicas de clonagem de animais em seres humanos. O posicionamento recebe o reforço de Vilela, que já apresenta o colega como extraordinário por ser opositor de Antinori.

Indiretamente, Vilela está dirigindo sua crítica a Albieri pois este já havia lhe confessado ter realizado a clonagem humana, enfatizando a descrença no feito de ambos os cientistas (o da ficção e o real). Justamente por não acreditar na realização da clonagem,

Vilela retira Albieri da convenção substituindo sua palestra pela de Simonetti, com medo que o cientista acabasse fazendo uma confissão pública.

Novamente a autora usa como “saída narrativa” o mergulho nos fatos reais, misturando-os à trama. Em nenhum momento se faz a clara menção de que Antinori é uma figura real e apenas os telespectadores que acompanham mais atentamente as notícias científicas divulgadas nos jornais são capazes de perceber a mistura entre a ficção e a realidade. A construção da narrativa leva até a uma certa rivalidade entre Albieri e Antinori no que se refere a quem teria realizado a primeira clonagem humana.

Mesmo entre os telespectadores que acompanham os noticiários e sabem que Antinori é real, a rivalidade entre este e o cientista fictício pode levar à desconfiança sobre o exercício da ciência, nos laboratórios fechados, distantes da maioria da população, cujos resultados nem sempre chegam ao domínio público. O Clone acaba despertando a indagação: será que o clone humano já existe? Este ar de desconfiança suscitado pela telenovela provocou diversas críticas a Gloria Perez por parte da comunidade científica brasileira. Uma das principais críticas dirigidas à autora quanto à abordagem da clonagem em sua narrativa se deu, justamente, pela construção de seu cientista, considerado pela comunidade científica como totalmente desprovido de ética, o que poderia levar a uma construção de imagem negativa quanto ao exercício da ciência na “vida real”.

Desfecho ou desenlace

Além do personagem Albieri, típico cientista das produções de ficção científica, outra característica da narrativa de O Clone, que a coloca no rol das produções de FC, é a existência da temática do duplo. Já nos primeiros capítulos da trama esta figura fica evidente na relação entre os gêmeos Lucas e Diogo. Lucas fica sempre em segundo plano. Todos preferem Diogo: seu pai, Albieri, Dalva, as possíveis namoradas. Mais tarde, com a morte de Diogo, Lucas abre mão de seus planos e passa a fazer as atividades que Diogo realizava, tentando se parecer com o irmão, embora sempre tenha tentado ser diferente dele. Lucas chega a afirmar que possivelmente todos desejavam que ele tivesse morrido em lugar de Diogo. É a típica figura do duplo sócia, mais tarde enfatizada pelo surgimento de sua cópia, o clone Léo, que para Leônidas e Dalva, trata-se da volta de Diogo. A temática do

clone tem como pano de fundo a figura mitológica do duplo, figura recorrente na literatura, sobretudo nas narrativas fantásticas.

Em seu estudo sobre o duplo na literatura, Otto Rank (1939) distingue basicamente dois tipos diferentes de duplo: o duplo por semelhança física e o duplo resultante do processo de clivagem do ego do protagonista e que se apresenta sob forma de sombra, reflexo ou imagem do mesmo. Tanto as relações entre Lucas e Diogo quanto às relações entre Lucas e Léo caracterizam-se como pertencentes ao primeiro tipo de duplo, embora no caso da clonagem, Léo possa também ser entendido como um reflexo ou imagem de Lucas, que realiza aquilo que Lucas gostaria de ter feito e não concretizou.

Por encontrar na narrativa fantástica e, por extensão, na ficção científica, o terreno mais sólido para a sua existência, o duplo é um personagem freqüente nas produções cinematográficas, que tornaram aqueles gêneros literários populares em todo mundo.

A forma como o mito do duplo tem chegado às telas de cinema, salvo raras exceções, tem sido através dos filmes de FC, produções estas, freqüentemente inspiradas em clássicos da literatura de ficção científica, narrativa fantástica ou terror. Uma característica comum a estas produções está na forma que o duplo ocupa, geralmente a de um ser recriado. A figura mais tradicional do duplo tem sido a do robô, ao menos, até o fim do século passado, quando surge a possibilidade da clonagem e, portanto, a possibilidade real de recriar a vida. É interessante como a presença do duplo, além de envolver sempre a questão de personalidades opostas, de evidenciar a dualidade do ser (o lado bom x o lado mau), traz em suas entrelinhas o anseio do homem em ser eterno e em deixar de ser criatura e passar a ser criador.⁶

O mito do duplo, a exemplo do que ocorre no cinema, também tem sido uma figura recorrente nas telenovelas. A forma como este duplo é apresentado é, basicamente, a mesma como aparece nos livros e no cinema: o eterno conflito entre o bem o mal; o homem como detentor do bem e do mal em si mesmo; o duplo como ameaça ao outro; a crise de identidade e o desejo de ser eterno. Exemplos da presença do duplo podem ser encontrados em novelas como: Irmãos coragem, O outro, Mulheres de Areia e Kubanacan.

⁶ Ainda que a idéia de robô possa ser entendida a partir das proposições de Walter Benjamin sobre a reprodutibilidade técnica, muitos dos filmes colocam pelo menos um dos personagens-robô como duplo.

Em geral, nas telenovelas o duplo mais comum é o sócia, fato que se repetiu em O Clone. Primeiro na relação entre os gêmeos homozigotos Diogo e Lucas, posteriormente, na relação entre o original (Lucas) e a cópia (Léo). Glória Perez combina duas temáticas características da ficção científica: o duplo e a recriação da vida, a produção artificial de um novo ser. Todas as questões éticas levantadas pela autora quanto à clonagem colocam em cena o antigo temor pela recriação da vida, a reprodutibilidade técnica do homem.

Vida artificial: o temor pela reprodução em série

Como o surgimento do cinema deu-se em meio à expansão da indústria, a temática da reprodutibilidade técnica do homem constituiu-se num importante tema nas produções cinematográficas e vai para as telas sob a forma da réplica robótica, como em "Metropolis" de Fritz Lang (1926), "Blade Runner" de Ridley Scott (1982), na trilogia Matrix, nos três episódios de Exterminador do Futuro, entre vários outros exemplos.

Com a efetiva possibilidade de clonagem de seres humanos, filmes A.I. Inteligência Artificial, O Sexto Dia e a telenovela O Clone levantam o temor pela reprodução humana em série e questionam a existência da alma, a essência das criaturas produzidas artificialmente. Essa discussão é o que caracteriza a personagem Léo de Glória Perez.

Todas as atividades que realiza, as pessoas de quem se aproxima e por quem desenvolve afeto estão ligadas a Lucas. Léo é a face de Lucas que teve coragem de realizar os sonhos, desejos, vontades que o original não realizou. O que isso evidencia? Que Léo não tem escolhas, tudo já está gravado em seu código genético, ele apenas repete a vida de Lucas, sendo o seu oposto, o seu reflexo no espelho?. Então, o clone teria alma?

Podemos fazer uma alusão às idéias de Walter Benjamin (1975), sobre a obra de arte. O autor afirma que o desenvolvimento da indústria da cultura, a possibilidade de reprodução em série da obra de arte retira dela sua aura, seu caráter original, único. Também a reprodução do homem em série, cópia de si mesmo retira sua aura, seu caráter único, aquilo que a maior parte das religiões chama de alma.? Pela construção do personagem Léo, podemos dizer que Glória Perez levanta este temor, tanto que reserva ao clone um futuro incerto.

Como nas narrativas de ficção científica, em *O Clone* não há espaço para que o eu e o outro (o duplo) coexistam. Para que um se realize, o outro tem que deixar de existir. Este é o destino dado à criatura por Glória Perez. Após perder o amor de Jade (que opta por Lucas) Leo vai atrás de seu criador Albieri, a quem sempre chamou de pai. No último capítulo da novela, Leo sintetiza todo o drama da falta de uma identidade própria e personifica o dilema ético/religioso que envolve a clonagem, como pode-se perceber em seu diálogo com Albieri:

(Leo): Pai, você é a única pessoa que pode me dar um lugar nesse mundo, que pode criar um lugar nesse mundo pra mim.

(Albieri): Eu?

(Leo): É. Se você teve poder de me criar, você tem o poder de dizer quem eu sou, qual a minha família, qual o meu lugar nesse mundo.

(Albieri): Leo!

(Leo): Pai, você tem até o poder de fazer uma pessoa igual a mim para que eu não fique sozinho nesse mundo. Pai, faz uma pessoa igual a mim!

O destino reservado ao criador e à criatura é incerto. Glória Perez deixa claro que a recriação artificial da vida mexe com o desconhecido e não se sabe ao certo o que esperar. Nas areias do deserto, ao lado de seu criador, Léo caminha rumo ao desconhecido, como todos nós diante do desenvolvimento da ciência. Paira a penumbra, tanto na ficção quanto na realidade: afinal, o clone humano já existe? Qual a sua essência?

Caminhando pelas areias do deserto, Leo chama Albieri de pai e lhe pergunta:

(Leo): Pai, por que você não cria uma pessoa igual a mim? Cria uma pessoa igual a mim, então!

Albieri não responde, apenas pede a Leo que não o siga, que volte para casa, que procure por Ali. Leo apóia a mão sobre o seu ombro e o acompanha pelo deserto, rumo ao desconhecido. Enquanto caminham, ouve-se a narração de Ali, precedida por uma fala de sua esposa Zoraide.

(Zoraide): Albieri é um deus e não sabe o que fazer da sua criatura.

(Ali): Quis tomar o lugar de Ala, e Ala o segurou pelo topete. Ele é o senhor do céu e da terra e de tudo que se passa entre o céu e a terra, só Ele tem a chave de todos os mistérios. Ele criou tudo que existe, criou os humanos e pendurou no pescoço de cada um o seu destino.

Assim terminava, no dia 15 de junho de 2002, a telenovela *O Clone*, alcançando 69 pontos de audiência. Por quase nove meses a sociedade brasileira acompanhou o feito de Albieri - a criação de um clone humano e todos os dilemas éticos, religiosos, sociais, jurídicos que despertou.

Glória Perez articulou no enredo de *O Clone* características da ficção científica, mas não apenas inspirou-se na Ciência, utilizou o seu discurso efetivo fazendo a combinação entre ficção e discurso científico, motivo pelo qual a discussão sobre clonagem invadiu todos os meios de comunicação, ganhou o espaço público. Ao misturar os elementos característicos da telenovela (mitos, arquétipos, verossimilhança, intertextualidade ficcional) ao discurso da ciência, Gloria Perez trabalhou um conteúdo científico de maneira didática. Ainda que possamos fazer críticas à simplificação e sensacionalização deste discurso, o mérito da autora foi promover o debate acerca da clonagem, fazer a discussão sair dos laboratórios, do “mundo da ciência” e ganhar as ruas.

A autora levou aos lares brasileiros e a muitos lares de outras partes do mundo, a mesma metáfora apresentada por Mary Shelley em 1818. Assim como Shelley, Glória Perez não nos deixa um destino certo para sua criatura. Em comum entre as duas narrativas fica para o imaginário do leitor/telespectador o futuro desses seres que, se não foram criados por Deus (ou Ala, como define o personagem Ali, atuando como narrador no último capítulo de *O Clone*), poderiam ter lugar entre os homens? As autoras conversam conosco e nos questionam sobre suas criações: podemos coexistir? Qual a consequência desta criação? Se como coloca Foucault (1999), o discurso é sempre um instrumento de poder, ainda que tenha afirmado não querer determinar posturas frente à clonagem, Glória Perez deixa bastante clara sua posição frente ao tema. As falas de seus personagens, os narradores que escolhe para contar sua história, o destino que dá aos personagens ajudam a construir uma postura frente à clonagem. Conforme Eco (1986), sempre que escrevemos um texto, idealizamos um leitor-modelo e o escrevemos não apenas para criar este leitor, mas também para moldá-lo, reforçá-lo. Prever o próprio leitor-modelo não significa somente esperar que ele exista, mas significa também mover o texto de modo a construí-lo.⁷ O mesmo vale para a telenovela, ela não é desprovida de intencionalidade.

O grande mérito de Gloria Perez e a principal contribuição de sua narrativa foi de propiciar a reflexão sobre os limites éticos e morais do avanço do conhecimento. Ao agendar as discussões e inclusive provocar o interesse dos meios de comunicação para a divulgação científica, *O Clone* prestou contribuição à popularização da ciência no Brasil. Após três anos do fim da telenovela, a temática da clonagem praticamente desapareceu dos

⁷ ECO, 1986, p. 40.

noticiários, ficando restrita aos meios de divulgação da ciência especializados, ou seja, acessíveis quase que exclusivamente à comunidade científica.

O Clone, como muitas das produções literárias de ficção científica, esteve voltada às discussões de seu tempo, partindo da Ciência e antecipando as possíveis conseqüências do exercício antiético do progresso científico. Ainda que inserida e desencadeadora da cultura de massa, O Clone demonstra que a telenovela também pode desencadear o debate público de temáticas relevantes para o desenvolvimento da sociedade, o questionamento de valores e contribuir para o processo de transformação social. Como diz Martin-Barbero (2003), não podemos ignorar a capacidade de mobilização que a telenovela consegue propor. Para o bem ou para o mal, este produto é o principal agente de mediação cultural em nosso país. O Clone foi um exemplo claro disso.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1975.
- ECO, Umberto. **Lector in Fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. Por trás da fábula. In. Estética: literatura e pintura, música e cinema. **Coleção Ditos e Escritos**, vol. III. Organização de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense, 2001.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- RANK, Otto. **O duplo**. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o moderno Prometeu**. Tradução de Everton Ralph. São Paulo: Publifolha, 1998.
- TAVARES, Bráulio. **O que é ficção científica**. São Paulo: Brasiliense, 1986.